

Entrevistada: Elza Lacolla



Perfil: Formada em Comunicação Social, com habilitação em Relações Públicas na Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Pós graduada em Comunicação Empresarial na Faculdade Cândido Mendes, Especializada em Cerimonial Universitário e em Organização de Eventos e Gestão de Eventos Esportivos.

ELO: Por que você escolheu deixar o seu país natal e por que os Estados Unidos?

Bem, eu nem pensava em sair do país. Eu estava com o meu contrato de trabalho para acabar, ainda faltavam uns dez meses para o final. Na época estava com medo de ficar desempregada e voltar a morar na casa dos meus pais de favor. Foi quando surgiu um convite de um amigo do meu primo que mora nos Estados Unidos e que estava passando as férias aqui no Rio. Ele me ofereceu abrigo e ainda me convidou para casar com ele para ter o *Green Card*, caso eu quisesse morar por lá.

Quando faltavam uns quatro meses para o meu contrato terminar, eu comecei a cogitar a idéia de passar um tempo fora, aprender uma nova língua e aceitar o convite que me foi feito para morar nos Estados Unidos.

ELO: Qual era o seu objetivo nos EUA: estudar, trabalhar, viver uma outra cultura?

O meu objetivo era trabalhar e morar lá de vez. E viajei com o seguinte pensamento: “Vou chegar, casar, conseguir o Green card e trabalhar como Relações Públicas nos Estados Unidos.” Pura ingenuidade. Nem tudo funciona como a gente pensa. Hoje em dia não é tão fácil conseguir o “famoso” *Green card*.

ELO: O que você achou mais diferente em relação ao Brasil? Sentiu algum “choque cultural”?

Nos Estados Unidos existem muitas coisas diferentes, a educação das pessoas, o modo de viver, o dia a dia, o horário (lá você entende o significado da frase “tempo é dinheiro”), e claro a cultura que também é diferente, mas mesmo assim eu não senti um choque cultural. Aos poucos tive a chance de ir conhecendo a cultura, os hábitos e pude me adaptar gradativamente.

ELO: O que foi mais fácil e mais difícil para você se adaptar?



O mais difícil no início foi começar a falar uma nova língua e trabalhar. Quando fui para os Estados Unidos eu tinha noções básicas do inglês, cheguei até a ter umas aulas particulares para poder falar melhor, mas não tinha vocabulário suficiente para poder conversar. Eu sabia que tinha que dominar o inglês, mas percebi que é muito mais fácil aprender quando você convive com pessoas que falam a língua nativa. No primeiro ano que morei nos Estados Unidos eu fiquei com a minha prima que é brasileira, e ela queria praticar o português e tive que falar mais português do que inglês. Isso me atrapalhou um pouco, demorei mais para aprender o inglês. Já no segundo ano eu tive a sorte de conviver mais com uma família americana, comecei a estudar em um College (Universidade Pública) e melhorei consideravelmente o meu inglês.

Para trabalhar, isso sim foi um desafio, mais do que aprender a falar inglês. Para todo tipo de trabalho os americanos pedem referência. E como eu só tinha a minha prima como referência e nenhuma experiência, não foi fácil arrumar o primeiro emprego. Além disso, os americanos são muito corretos em se tratando de leis, nem mesmo um estágio voluntário na área de comunicação social foi possível arranjar. Eu até tentei. A minha prima tem um amigo que trabalha na Conservation International (A CI é uma organização privada, sem fins lucrativos, dedicada à conservação e utilização sustentada da biodiversidade que tem uma agência em Washington), e por intermédio desse amigo, ela conseguiu que eu fosse visitar a organização. Quando eu estive lá, aproveitei para pedir para conhecer o trabalho de Comunicação Social da CI. No meio da conversa aproveitei para perguntar se poderia fazer um estágio voluntário. A pessoa que estava me atendendo me disse que infelizmente eu não poderia fazer um estágio voluntário porque tinha que ter um seguro de trabalho para poder frequentar a CI. Esse seguro tinha que me cobrir por qualquer acidente que por acaso viesse a ocorrer dentro da empresa. Parece loucura isso, não?! Só que infelizmente é assim que algumas coisas funcionam nos Estados Unidos. Lá você só pode trabalhar com um visto de trabalho!

O mais fácil para mim (e até confesso que foi bem prazeroso) foi dirigir por lá. É incrível a diferença que existe na educação no trânsito entre o Brasil e os Estados Unidos. Além disso, as estradas e as ruas parecem um tapete de tão lisas. E se você não obedece as leis de trânsito você é multado e pode até perder a carteira de motorista. Além disso, se o motorista é pego dirigindo sem a carteira e acontece algum acidente grave, o motorista é preso. Muito diferente do que acontece aqui no Brasil, onde muitas pessoas que causam acidentes por estarem alcoolizados e nem se quer têm a carteira apreendida.

ELO: Qual era a sua visão dos EUA antes da viagem?



Eu não tinha uma opinião formada ou visão dos EUA antes da minha viagem. A única informação que eu tinha era que lá se trabalhava bastante. E isso me fez imaginar que seria mais fácil conseguir um emprego e me estabelecer legalmente no país, como os meus primos fizeram. Eu não quis de maneira nenhuma ficar ilegal ou até mesmo perder o meu direito de ir e voltar para os Estados Unidos. Por isso, eu tentei

de todas as formas legais arrumar um emprego. Falei com advogados, visitei centros de ajuda a estrangeiros, mas não achei nenhuma solução.

ELO: Essa visão mudou depois de viver lá?

Sim, mudou. Tive a oportunidade de ver de perto que arrumar um emprego em terra estrangeira não é tão fácil quanto parece, tanto legal como ilegalmente.

ELO: E a sua visão do Brasil, mudou depois da sua experiência no exterior?

Sim, mudou. Uma experiência no exterior sempre faz a sua visão do Brasil mudar. Principalmente se você tem a oportunidade de viver e morar em um país de 1º mundo, com uma cultura e hábitos diferentes.

ELO: Você voltaria a morar nos EUA?

Se eu tivesse a oportunidade de ter uma oferta de trabalho na minha área, eu voltaria a morar nos EUA sim, sem problemas.

ELO: Descreva a importância dessa experiência na sua vida.



A experiência de morar nos EUA é única e enriquecedora. Eu confesso que passei por essa aventura um pouco tarde, não tinha a idade para tentar um intercâmbio ou um trabalho de férias e me dei conta tarde demais. Também não tive a malícia de me planejar melhor em vez de contar com palavra de um desconhecido e acreditar que tudo iria dar certo. Para minha sorte eu tive o suporte da minha prima que ajudou, mas mesmo assim passei por algumas dificuldades. Amadureci bastante. E como diz o ditado: "depois da tempestade vem a

bonança", uma oportunidade nova surgiu. Uma americana precisava de alguém para cuidar de um casal de crianças e eu de um lugar para ficar. De uma forma ou de outra o meu intercâmbio cultural aconteceu. Além do trabalho, eu estudei por um ano em uma Universidade e de quebra ganhei uma viagem para a Disney World com tudo pago, junto com as crianças. Afinal, fazia parte do trabalho.

ELO: O que diria às pessoas que querem morar/estudar nos EUA ou em outro lugar (conselhos, dicas etc)?



O que eu posso dizer é que: “Se você tiver a oportunidade de fazer um intercâmbio, vá, estude, trabalhe e procure se informar de todas as maneiras possíveis, porque vale a pena!”

Conselhos e dicas: Procure ficar entre os Americanos para aprender melhor a língua e a cultura. Não confiem muito em Brasileiros que moram nos Estados Unidos, a não ser que você esteja viajando com um amigo ou que você fique na casa de algum familiar seu que more por lá. Siga esta dica ao pé da letra, porque me falaram a mesma coisa e eu não acreditei. Conheci Brasileiros nos EUA e posso afirmar que foi uma Americana que me ajudou, muito mais até que qualquer Brasileiro que poderia me ajudar e não fez

nada. A minha prima me ajudou também, mas na medida do possível.

E para finalizar, fiquem atentos para que não percam os programas de intercâmbio, "Au Pair" e de trabalho de férias, esses programas possuem um limite de idade para vocês aproveitarem. Com esses programas é muito mais fácil que tudo dê certo. Boa sorte e boa viagem.